

VEÍCULO: Folha de São Paulo**Seção: Economia****Autor: JULIANA ROCHA DA SUCURSAL DE BRASÍLIA****Data: 02/06/2009****Título: Minério de ferro derruba exportação**

Vendas menores do produto, principalmente à China, pesaram na queda de 28,6% no saldo da balança em maio

Importação cresceu 8,4% no mês, puxada pela alta dos preços do petróleo; no ano, saldo comercial é 10,4% maior do que em 2008

A queda das exportações de minério de ferro foram responsáveis pela redução das vendas brasileiras ao exterior em maio, se comparadas com abril. Essa também foi a explicação do governo para o Brasil ter exportado menos para a China, principal parceiro comercial do país.

Segundo dados do MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior), as exportações caíram 22,2% no acumulado de janeiro a maio, somando US\$ 55,5 bilhões. As importações caíram 26,6%, para US\$ 46,112 bilhões. Como a queda das compras externas foi maior que as vendas, o superávit comercial foi de US\$ 9,4 bilhões, 10,4% maior que em 2008.

Em maio, se não fosse a queda nas vendas de minério de ferro, o Brasil teria exportado mais do que em abril. A comparação com o mesmo mês do ano passado continua negativa, mas a estatística foi distorcida pelo fim da greve da Receita Federal, o que concentrou em maio de 2008 as exportações de dois meses seguidos. As vendas externas, contando com o minério de ferro, somaram US\$ 11,9 bilhões - retração de 2,7% em relação a abril. As importações subiram 8,4%, puxadas pelo aumento dos preços do petróleo. O saldo comercial no mês foi positivo em US\$ 2,6 bilhões, 28,6% menor do que no mês anterior.

China segura compras

O secretário de Comércio Exterior, Welber Barral, afirmou que a queda nas exportações de minério de ferro seja uma consequência das negociações de preço da commodity.

A China, principal compradora de minério de ferro do mundo, pode estar segurando as compras até obter a redução de preços de 40% que almeja. A Vale, maior mineradora

brasileira, confirmou que a negociação ainda está em curso, mas são lideradas por Rio Tinto e BHP. Ao final da negociação, a Vale vai decidir se seguirá os preços das concorrentes. Mesmo com a Vale distanciada das negociações com a China, o preço do minério de ferro exportado pelo Brasil foi 12% menor em maio, segundo cálculos da AEB (Associação de Comércio Exterior do Brasil).

As exportações de minério de ferro caíram 42,7% em maio, para US\$ 803 milhões. Só para a China, a queda foi de 41,2%, de US\$ 817 milhões em abril para US\$ 480 milhões em maio.

A venda menor de minério de ferro foi também o motivo para a retração nas vendas para a China, pela primeira vez neste ano. O país asiático continua no posto de maior comprador do Brasil, mas as exportações caíram 7,7% no mês passado em relação a abril.

O vice-presidente da AEB, José Augusto de Castro, diz que a retração nas vendas de minério de ferro é uma tendência. "A queda de preço será maior do que a verificada em maio. Aliada a isso, a quantidade vendida também será menor. É um cenário com o qual o Brasil terá de tomar cuidado", disse.

A venda menor de minério de ferro levou à queda de exportações de produtos básicos acumuladas no ano, pela primeira vez neste ano.

Nas importações, o MDIC registrou queda no ano entre todos os setores de janeiro a maio, exceto bens de consumo não duráveis, puxada pelas compras de produtos farmacêuticos. As importações de matérias-primas acumulam queda de 31,2%, e as de bens de capital, de 10,4%, resultado da menor atividade da indústria brasileira.

VEÍCULO: Estado de São Paulo

Seção: Economia

Autor: Renata Veríssimo

Data: 02/06/2009

Título: Venda de minério de ferro afeta balança

À espera de preço menor, mercado encolhe e exportação recua 42,7%

A negociação entre as siderúrgicas chinesas com a brasileira Vale e a australiana Rio Tinto para reduzir o preço do minério de ferro já teve impacto negativo na balança comercial brasileira de maio. A expectativa sobre uma possível queda nos preços reduziu a demanda e a cotação do produto em vários mercados. "Há uma negociação privada em curso que já afetou os preços", disse o secretário de Comércio Exterior do

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Welber Barral.

Pelos dados do ministério, as vendas externas de minério de ferro caíram 42,7% em maio na comparação com abril. Barral disse que a queda nos preços foi de 12,2% e na quantidade embarcada, de 34,7%. Por causa desse movimento, as exportações de produtos básicos, que apresentavam variações positivas até abril, tiveram retração em maio de 4% em relação ao mês anterior, e acumulam queda de 6,5% de janeiro a maio de 2009.

Segundo Barral, se fosse excluído o minério de ferro da balança comercial, as exportações de maio teriam crescido 2,4% ante abril. As vendas externas, porém, caíram 2,7%, pela média diária, totalizando US\$ 11,98 bilhões. As importações no mês passado somaram US\$ 9,33 bilhões, com alta de 8,4% em relação a abril. O superávit foi de US\$ 2,65 bilhões.

Na comparação com maio de 2008, houve queda generalizada. Pela média diária, as vendas externas recuaram 37,9% e as importações, 38,7%. O saldo caiu 34,9%. Barral, porém, disse que essa comparação é distorcida, porque em maio de 2008 houve um registro muito grande, principalmente, de exportações represadas na greve dos auditores fiscais, ocorrida no mês anterior de abril.

"O cenário mais crível, em relação às exportações e importações neste ano, é o acumulado dos cinco meses." De janeiro a maio, as exportações caíram 22,2%, pela média diária, totalizando US\$ 55,48 bilhões. As importações somam US\$ 46,11 bilhões, retração de 26,6%. O superávit acumulado no ano é de US\$ 9,37 bilhões, alta de 10,4%. As vendas externas de semimanufaturados apresentaram queda de 27,7%, e as de manufaturados, de 30,5%.

Barral informou que houve, em relação a abril, uma recuperação nas exportações brasileiras para alguns mercados, como União Europeia, América Latina e Caribe e Mercosul. Ele avaliou que já há um aumento de demanda nesses mercados e que a alta das exportações em maio pode significar o início de uma recuperação.

Mas, no acumulado de janeiro a maio, apenas as vendas à Ásia cresceram ante igual período de 2008. Subiram 11,2%, com destaque para a China, com 35,6%. As vendas aos Estados Unidos caíram 40,7%, o que fez com que a participação daquele país nas vendas brasileiras caísse de 14,2%, de janeiro a maio de 2008, para 10,8%. Os embarques à União Europeia caíram 28%. Para o Mercosul, a queda foi de 41,1%.

Nas importações, também há queda em todas as categorias no acumulado de 2009. As compras internacionais de bens de capital caíram 10,4%, em relação ao período de janeiro a maio de 2008, e as de matérias-primas e intermediários tiveram queda de 31,2%. As importações de bens de consumo caíram 4,4% e as de combustíveis e lubrificantes, 48,7%.

VEÍCULO: Folha de São Paulo**Seção: Economia****Autor: RAUL JUSTE LORES DE PEQUIM****Data: 03/06/2009****Título: China quer corte de 45% no preço do minério de ferro brasileiro****Negociação se arrasta desde janeiro, com impacto na Vale e na balança comercial**

A China está irredutível na exigência de corte de 40% a 50% no preço do minério de ferro que importa do Brasil. A decisão deve sair neste mês.

A negociação para o preço do minério entre 2009 e 2010 se arrasta desde janeiro, com forte impacto no faturamento da Vale e da balança comercial do Brasil. Ferro e alguns derivados representam 33% das exportações brasileiras para a China. É o principal produto da pauta, depois da soja.

Especialistas ouvidos pela **Folha** afirmam que as exportações de ferro para a China terão seu ritmo reduzido até o acordo do novo preço.

"As siderúrgicas chinesas estão com enorme poder de barganha e não vão aceitar valor maior que esse", disse Chen Hong, analista-sênior de matérias-primas da consultoria JLMcGregor, de Pequim.

"Grandes importadoras e distribuidores estão por trás das compras de ferro no primeiro trimestre, a demanda ainda não é das siderúrgicas. O estoque está alto, não há pressa", diz a economista.

As exportações brasileiras em maio somaram US\$ 11,9 bilhões, queda de 2,7% ante abril. As vendas de minério de ferro para a China caíram 41,2% -de US\$ 817 milhões em abril para US\$ 480 milhões em maio.

A Associação Chinesa de Ferro e Aço recusou seguir o corte de 33% dos preços decidido na semana passada entre a gigante anglo-australiana Rio Tinto e a Nippon Steel, do Japão.

"A redução não reflete a real situação de oferta e demanda internacionais, que levaria

a perdas generalizadas para as companhias chinesas", anunciou a associação em nota. A associação quer que os preços voltem aos níveis de 2007 -corte de 45%, em média.

Em fevereiro, o diretor da Associação, Shen Wenrong, disse à Folha que a negociação seria "dura e demorada". Shen, que é diretor da Sha Steel, maior siderúrgica privada do país, já insistia então em que os preços deveriam cair até 50%. De acordo com a consultoria MySteel, especializada em ferro e aço, o estoque de minério de ferro nos 19 principais portos chineses chegou a 70,49 milhões de toneladas em abril, 13% a mais que em março. Para a analista-sênior da consultoria Umetal, Du Wei, a indústria não precisa de tanto volume.

Momento errado

A Vale tem oferecido descontos de 20% no ferro exportado para a China. A relação da multinacional brasileira com os chineses piorou em setembro, quando a Vale tentou aumentar o preço do minério em 11%.

Quebrou assim um acordo tácito de dois aumentos em um mesmo ano (já tinha subido em 65% no início do ano passado).

A crise mundial, que teve seu estopim em setembro, e a desaceleração da economia chinesa, puxada pela crise imobiliária e pela queda de exportações, enterraram a possibilidade de reajuste. Cerca de 49% do ferro é consumido pela construção civil, e a venda de apartamentos no país despencou pela primeira vez em dez anos em 2008. A China produz dois quintos do aço do mundo e consome um terço de toda a produção.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: RAUL JUSTE LORES DE PEQUIM

Data: 05/06/2009

Título: Usiminas não demitirá no prazo de 30 dias

A Usiminas fechou ontem um acordo com o Sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga (Sindipa) pelo qual a siderúrgica se compromete a não efetuar novas demissões na unidade de Ipatinga, Minas Gerais, no prazo de 30 dias a partir de amanhã. Logo após o fim do Programa de Desligamento Voluntário (PDV) de 4 a 22 de maio último, a empresa demitiu 810 empregados nas suas duas unidades (Ipatinga e Cubatão em São Paulo).

No PDV aderiram apenas 516 empregados ao todo nas duas unidades, número considerado aquém do desejado pela companhia.

O presidente do Sindipa, Luiz Carlos Miranda, destacou em contrapartida que o sindicato desistiu do recurso judicial protocolado no Tribunal Regional do Trabalho (TRT) para suspender as demissões e revisar as 810 dispensas. Segundo Miranda, o acordo foi bom para os trabalhadores.

- Foi um acordo importante no curto prazo, na esperança de a situação econômica melhorar - disse Miranda.

VEÍCULO: Folha de São Paulo**Seção: Economia****Autor: RODRIGO VARGAS DA AGÊNCIA FOLHA****Data: 05/06/2009****Título: Grupo Usiminas suspende cortes por 30 dias**

O grupo Usiminas e o Sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga (217 km de Belo Horizonte) fecharam acordo que suspende por 30 dias, a contar de hoje, novas demissões na usina.

O acordo, que vale só para Minas e não inclui a unidade da empresa em Cubatão (SP), prevê a possibilidade de revisão, em "casos especiais" -como doenças, por exemplo-, de desligamentos efetuados após o prazo de adesão ao programa de demissão voluntária da companhia.

A empresa, que havia considerado "aquém das necessidades" o resultado do programa -516 adesões nas fábricas de Ipatinga e de Cubatão e na sede em Belo Horizonte-, anunciou a necessidade de demitir mais 810 trabalhadores, ou 6% do total.

Como contrapartida, o sindicato aceitou retirar da Justiça do Trabalho uma medida cautelar na qual pedia justamente a suspensão do processo -que, até ontem, já havia resultado na demissão de 380 trabalhadores, segundo estimativa da entidade. A Usiminas disse que firmou o acordo "motivada por seus sólidos princípios de atuação socialmente responsável".

VEÍCULO: Estado de São Paulo**Seção: Economia****Autor: Raquel Massote, BELO HORIZONTE**

Data: 05/06/2009

Título: Usiminas faz acordo e suspende demissões

A Usiminas e o Sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga (Sindipa) fecharam acordo ontem pelo qual a companhia se compromete a não fazer novas demissões de trabalhadores na Usina de Ipatinga (MG) pelo prazo de 30 dias.

Segundo o presidente do sindicato, Luiz Carlos Miranda, em contrapartida, a entidade desistiu do recurso judicial, protocolado no Tribunal Regional do Trabalho (TRT) da 3ª Região, no dia 1º de junho, em que pede a revisão das dispensas anunciadas na semana passada. "Com o acordo, esse pedido perde o sentido", disse.

A Usiminas informou que o acordo não se aplica aos desligamentos decorrentes do Programa de Desligamento Voluntário (PDV), que recebeu 516 inscrições nas unidades de Ipatinga e Cubatão (SP). O programa vigorou entre 4 e 22 de maio e, segundo a empresa, a adesão ficou aquém das necessidades.

Na semana passada, após o encerramento do PDV, a siderúrgica anunciou a demissão de 810 empregados nas duas usinas, entre 23 e 30 de maio. Para esses, a Usiminas informou que concedeu compensações financeiras extras, além das verbas indenizatórias legais.

No acordo com o sindicato, a siderúrgica se compromete também a rever casos de trabalhadores demitidos em situações especiais. Esses casos deverão ser comprovados pelo Sindipa no prazo de sete dias.

Miranda relatou ainda que, se a retração na demanda por aço persistir e exigir dispensas coletivas, após o período de vigência do acordo, a empresa e o sindicato voltarão a negociar os critérios.

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Chico Santos, do Rio

Data: 05/06/2009

Título: Obras do porto da Usiminas no Rio começam em 2010

A Usiminas deverá começar no fim de 2010 as obras de construção do seu terminal para exportação de minério de ferro e pelotas em Itaguaí (RJ), previsto para operar no fim de 2013 ou início de 2014, com investimento de R\$ 1 bilhão. Hoje, em companhia de autoridades federais e estaduais, a direção da empresa retoma formalmente o trabalho de descontaminação da área do futuro porto, adquirido em leilão no ano passado. A área pertencia à massa falida da antiga Ingá Mineração e está contaminada por resíduos de metais pesados.

Segundo o vice-presidente industrial da Usiminas, Omar Silva Jr., o futuro terminal, projetado com capacidade para escoar 25 milhões de toneladas por ano, será usado exclusivamente para exportação de minério e pelotas. Em entrevista por e-mail, Silva preferiu não comentar a possibilidade aventada no mercado de parceria com a LLX, que vai construir um porto em área contígua ao futuro terminal da Usiminas, também destinado a exportar a produção própria e de terceiros de minério. O arranjo societário do porto da LLX foi feito para permitir a entrada de parceiros.

"Possíveis parcerias serão avaliadas no momento oportuno. No momento, estamos concentrados na expansão de produção dos projetos de mineração e na recuperação ambiental da área de Itaguaí", disse Silva. A área, considerada um dos maiores passivos ambientais do Rio de Janeiro, foi adquirida pela siderúrgica em 27 de junho do ano passado por R\$ 72 milhões.

As regras do leilão, elaboradas em comum acordo com o Instituto Estadual de Ambiente (Inea) do Rio de Janeiro, antiga Feema, previam que o vencedor concluiria o trabalho de descontaminação da área, a um custo total de R\$ 40 milhões. Nos trabalhos de descontaminação feitos antes do leilão, a massa falida empregou R\$ 900 mil. A Ingá Mercantil faliu há cerca de 11 anos e, segundo dados do governo do Rio, deixou uma bacia de 260 mil metros quadrados com efluentes líquidos, parte dos quais vazou para a baía de Sepetiba, uma região portuária e também de manguezais.

Segundo Silva, após a compra do terreno a Usiminas contratou uma empresa internacional para fazer um diagnóstico ambiental da área e os projetos de remediação. A primeira etapa concluída, e que será executada a partir de hoje, é a desmontagem ambientalmente segura dos prédios industriais da Ingá.

Até agosto deverá ser concluído o projeto de remediação ambiental dos rejeitos e do subsolo. O projeto previsto pelo governo do Rio para a descontaminação previa o "envelopamento" em plástico especial do terreno, de modo a impedir definitivamente o risco de contaminação e permitir que a área pudesse ter nova utilização econômica.

Silva disse que, apesar dos estudos ainda estarem em andamento, a alternativa do "envelopamento" tem-se mostrado a solução mais rápida e de menor impacto, "utilizada mundialmente para a contenção de grandes massas contaminadas". O projeto de descontaminação previsto pelo Inea foi elaborado em parceria por técnicos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ele enfrentou oposição de outros técnicos da própria UFRJ anteriormente designados pela Justiça para gerenciar o passivo ambiental.
(Colaborou Francisco Góes)

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Cássia Almeida, Aguinaldo Novo e Eduardo Rodrigues

Data: 09/06/2009

Título: Aço: de 14 altos-fornos, 6 estão parados

A forte queda da demanda por aço fez as siderúrgicas tomarem uma decisão drástica: hoje estão desligados seis dos 14 altos-fornos do país. A produção foi reduzida a metade. Enquanto isso, o Brasil tenta barrar a entrada de produtos siderúrgicos, sobretudo os da China.

Siderurgia para 6 de 14 altos-fornos do país e reduz 50% da capacidade

Analistas dizem que perspectiva é de recuperação gradual no 2º semestre

RIO, SÃO PAULO, BRASÍLIA e PEQUIM. A queda drástica da demanda por aço, no auge da crise econômica global no fim do ano passado, provocou forte corte na produção das siderúrgicas brasileiras. Dos 14 altos-fornos no país, seis estão parados, reduzindo em 50% a produção, segundo o Instituto Brasileiro de Siderurgia. No primeiro quadrimestre do ano, as vendas caíram 42,5%. Mas há sinais de recuperação, dizem os analistas.

- Houve um esforço no Brasil e no mundo de reduzir a produção para se adequar à demanda por aço em queda. Mas houve melhora interna, principalmente na indústria de automóveis, o que está ajustando o estoque das siderúrgicas - explicou Cristiane Viana, analista da Ágora Corretora.

Desligaram altos-fornos a CSN (um), a Gerdau (um), a Usiminas (três) e a ArcelorMittal (um). A queda na demanda levou as siderúrgicas a anteciparem paradas para manutenção, mas não há prazo para reiniciar a produção nesses altos-fornos. Só a CSN, em Volta Redonda, informou que vai religar o forno que responde por 30% de sua capacidade ainda este mês. Mas não produzirá a pleno vapor: vai operar com 90% da capacidade.

Segundo Cristiane, o preço do aço no mercado global chegou a cair 50% desde a crise e 20% no mercado interno:

- Houve alguma recuperação neste trimestre. As vendas internas no segundo semestre vão crescer 20% frente ao primeiro.

Alegando "retração econômica sem precedentes", a Gerdau anunciou ontem a suspensão da produção de sua siderúrgica em Sayreville e o fechamento da área de laminação em Perth Amboy, em Nova Jersey, nos EUA. Além disso, negocia com o sindicato de trabalhadores do setor o fechamento de uma fábrica em Sand Springs, em Oklahoma.

Além da recuperação das vendas internas de aço, as siderúrgicas brasileiras ganham com a concorrência menor dos importados. Após voltar a taxar as importações de sete produtos siderúrgicos na última sexta-feira, a Câmara de Comércio Exterior (Camex)

informou ontem que os vergalhões de ferro e aço também foram retirados da lista de exceções da Tarifa Externa Comum do Mercosul (TEC) e, assim como os outros produtos - bobinas, chapas e barras de aço - também pagarão tributos entre 12% a 14% para entrar no país. Antes, não eram taxados.

China reduz impostos para exportar mais aço

Enquanto o Brasil tenta barrar as importações de produtos siderúrgicos, principalmente da China, o país asiático estimula as exportações. Maior produtor mundial de aço, o país cortou impostos de exportação de produtos siderúrgicos, maquinarias, eletrônicos e brinquedos. Os descontos sobre a tributação de bobinas de aço laminado a quente, aço galvanizado a zinco e vergalhões de aço-silício foram elevados a 9%, disse o Ministério de Finanças chinês. A China se tornou importador de aço bruto pela primeira vez em março.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: O Globo

Data: 18/06/2009

Título: Vale anuncia usina no Ceará de US\$4 bilhões

Siderúrgica vai produzir 6 milhões de toneladas por ano

A Vale, a sul-coreana Dongkuk e a Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) assinaram ontem memorando de entendimento com o governo do Ceará e com o município de São Gonçalo do Amarante para a instalação de uma usina siderúrgica integrada no estado. A capacidade de produção será de três milhões (primeira fase) a seis milhões de toneladas anuais de placas de aço. O projeto - voltado para exportação - prevê investimentos da ordem de US\$4 bilhões na primeira fase e deverá criar mais de 15 mil empregos diretos durante as obras e outras quatro mil vagas diretas na primeira fase de operação.

A Vale será sócia minoritária no projeto, mas sua participação ainda não foi definida, uma vez que as negociações com a japonesa JFE Steel estão em andamento. A usina deverá ser instalada no Complexo Industrial e Portuário do Pecém, em uma área de cerca de mil hectares.

A siderúrgica também produzirá energia elétrica que será, em parte, oferecida ao mercado nacional. A iniciativa substitui o projeto da antiga Ceará Steel, que não foi à frente e no qual a Vale teria como sócias a Dongkuk e a italiana Danielli.

VEÍCULO: Estado de São Paulo

Seção: Economia**Autor: Paula Pacheco****Data: 18/06/2009****Título: Produção de aço em maio tem alta de 8%**

Na comparação com 2008, porém, queda ainda é de 40,7%

Duas notícias positivas trazem um certo alento para o setor siderúrgico. A primeira é que a CSN anuncia hoje o religamento de um alto-forno na usina de Volta Redonda (RJ), que havia sido desligado em março. A segunda é que a produção de aço bruto no País chegou a 1,87 milhão de toneladas em maio, um aumento de 8% em relação a abril - o melhor resultado desde que a produção despencou bruscamente, em novembro, por causa da crise global.

As boas notícias, no entanto, não escondem o momento ainda muito ruim que o setor atravessa. Mesmo com o religamento do alto-forno da CSN, ainda haverá no País outros cinco equipamentos paralisados - as grandes siderúrgicas nacionais contam, no total, com 14 altos-fornos. Até maio, segundo dados do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS), o setor ainda tinha um grau de utilização da capacidade instalada de apenas 49,7%. E, de janeiro a maio, de acordo com a entidade, a produção de aço foi de 8,6 milhões de toneladas - uma queda de 40,75% na comparação com os primeiros cinco meses de 2008.

A recuperação até agora é tão tímida que, segundo o IBS, 2009 deve terminar com um consumo no mercado interno (responsável por cerca de 60% a 70% da produção total) 23% menor que o de 2008. "Não há sinais claros de recuperação das vendas internas ou do mercado internacional", diz Marco Polo de Mello Lopes, vice-presidente do instituto. O quadro brasileiro não é muito diferente do que se espera para a atividade globalmente. A World Steel Association (WSA), organização mundial que representa o setor, trabalha com estimativa de retração de 20% neste ano.

Lopes salienta que a decisão recente do governo brasileiro de voltar a fixar a alíquota de 12% para o aço importado não será suficiente para a retomada da demanda. Segundo ele, o governo pode ajudar com outras ações voltadas aos grandes consumidores de aço, como fez com a indústria automobilística e da linha branca, que tiveram redução de imposto. As montadoras, as empresas de linha branca, a construção civil e as empresas de bens de capital representam 80% do consumo.

Segundo Sergio Leite de Andrade, vice-presidente de Negócios da Usiminas, a empresa não tem previsão de reativar os três fornos desligados, dos cinco que tem. "Tínhamos uma previsão de recuperação mais rápida, mas a atividade ainda está muito lenta", diz. Para ele, só em 2011 o setor deve voltar ao ritmo de atividade de 2008.

Para o executivo, o principal problema ainda está na demora na retomada de projetos de infraestrutura e de equipamentos. "Além disso, as empresas estão muito estocadas e esperamos que só em setembro os estoques estejam baixos a ponto de o ritmo

voltar de fato a crescer." A empresa trabalha atualmente com 40% de ociosidade. Mas o quadro já esteve pior - chegou a 50%.

Gerdau e ArcelorMittal Brasil informaram que só devem religar os altos-fornos quando a atividade der sinais de recuperação. Mas já há fornecedores de matéria-prima que dizem estar se preparando para a volta do alto-forno da Açominas (da Gerdau), em Ouro Branco (MG).

Leonardo Alves, analista da corretora Link, também esperava por uma recuperação mais rápida do setor. "O maior entrave está na falta de encomendas para máquinas e equipamentos", diz. Um dos reflexos da fase ruim é a queda nas ações das empresas. De 1º de setembro até agora, o valor de mercado da CSN recuou 20,2%. Na Gerdau a queda foi de 34,1% e, na Usiminas, de 29,1%.

Para o analista da Banif Securities, Gilberto Cardoso, os sinais mais claros de recuperação devem surgir em meados de julho. "É quando as empresas estarão com níveis críticos de estoque e precisarão retomar as encomendas com as siderúrgicas", avalia.

VEÍCULO: Estado de São Paulo

Seção: Economia

Autor: Mônica Ciarelli e Daniele Carvalho

Data: 18/06/2009

Título: Vale e BNDES negociam usina

Banco pode entrar em projeto de siderúrgica no Ceará

Depois de suspensas por alguns meses, a Vale e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) voltaram a negociar a entrada da instituição financeira no projeto de construção de uma usina siderúrgica do Ceará. Segundo fonte próxima ao negócio, representantes da mineradora brasileira já estiveram na sede do banco para discutir o tema.

Ontem, a Vale e a coreana Dongkuk assinaram um memorando de entendimento com o governo do Ceará para definir o Complexo Industrial e Portuário de Pecém, no município de São Gonçalo do Amarante, como o local de instalação da Companhia Siderúrgica do Pecém.

No comunicado, a mineradora brasileira informou que o projeto, orçado em US\$ 4 bilhões, nasce com capacidade para produzir anualmente de 3 milhões a 6 milhões de toneladas de aço para exportação. A Vale calcula a criação de mais de 4 mil empregos diretos na fase inicial do empreendimento. Além de produtos siderúrgicos, a usina também vai produzir energia elétrica para comercialização no mercado brasileiro.

No mercado financeiro, o comentário era que, no passado, o BNDES negociou uma participação também minoritária no projeto. Pela estrutura atual, a Vale deteria 20%, enquanto o controle majoritário ficaria nas mãos da coreana Dongkuk.

A tentativa da Vale de instalar uma usina no Ceará se arrasta desde 2005, ano em que a mineradora começou a acertar com as siderúrgicas italiana Danieli e com a sul-coreana Dongkuk a construção da Ceará Steel. O projeto, no entanto, sofreu diversos percalços. O primeiro deles foi a desistência, cerca de dois anos depois, do grupo italiano do projeto.

Ainda em 2007, a Vale se viu obrigada a refazer a rota tecnológica do empreendimento, que seria abastecido com gás natural subsidiado. Uma queda de braço entre a mineradora e Petrobrás - que se negou a fornecer gás a preço subsidiado à planta de produção de aço - levou a Vale a modificar a fonte de energia do projeto, que passou a utilizar o carvão como matéria-prima.

Com o redesenho, a unidade, orçada em US\$ 800 milhões, teve seu custo ampliado para cerca de US\$ 2 bilhões. Diante das dificuldades, o aporte na Ceará Steel foi cancelado. A nova tentativa foi intitulada de Companhia Siderúrgica de Pecém.

Além do projeto do Ceará, a Vale tem em seu portfólio mais dois projetos de construção de unidades siderúrgicas no País: a ThyssenKrupp CSA, no Rio de Janeiro, e a Aços Laminados do Pará. A primeira terá capacidade para produção anual de 5 milhões de toneladas de placas de aço. O projeto engloba ainda porto, coqueria e térmica. O início das operações está previsto para final 2009 ou início 2010. A segunda unidade será em Marabá, no Pará, e deve produzir 2,5 milhões de toneladas de aço.

VEÍCULO: Folha de São Paulo

Seção: Economia

Autor: GITÂNIO FORTES

Data: 22/06/2009

Título: Mineradoras Anglo American e Xstrata negociam fusão

COMMODITIES

DA REDAÇÃO

Num momento em que matérias-primas minerais enfrentam retração global de demanda, a Xstrata afirmou ontem que busca forjar uma fusão com a Anglo American. A empresa, com sede na Suíça, relatou ter enviado uma proposta por escrito para a diretoria da rival.

O valor de mercado das duas soma US\$ 68 bilhões -US\$ 35 bilhões da Anglo e US\$ 33 bilhões da Xstrata.

"Uma fusão dessas duas companhias mundiais com seus ativos complementares é

altamente convincente", disse a Xstrata em comunicado. Destacou os ganhos de escala e a economia de custos que o negócio pode gerar.

No ano passado, a Xstrata fracassou na tentativa de assumir outra rival, a Lonmin, por US\$ 10 bilhões. Antes, no começo de 2008, tinha sido a vez dela de recusar proposta da brasileira Vale -que não foi oficialmente divulgada.

Em agosto do ano passado, após seis meses de negociação, a Anglo American comprou a brasileira MMX, de Eike Batista. O acordo foi fechado por US\$ 5,5 bilhões.

Para a Xstrata, unir-se à Anglo faz sentido pela competição acirrada com as maiores mineradoras do mundo. O valor de mercado da BHP Billiton é calculado em US\$ 144 bilhões. Da Vale, em US\$ 93 bilhões. E da Rio Tinto, em US\$ 74 bilhões.

A abordagem da companhia suíça ocorre depois de a BHP Billiton e a Rio Tinto terem anunciado, no início do mês, uma joint venture para a operação de minério de ferro na Austrália.

Comunicado da Anglo American se limitou a dizer que a negociação se encontra em estágio muito preliminar.

Pessoa próxima à Anglo disse que a empresa provavelmente vai resistir à oferta: seus ativos são considerados de qualidade mais alta. Espera-se para suas minas vida útil maior que as da Xstrata. **(GITÂNIO FORTES)**

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Patrick Cruz, de São Paulo

Data: 24/06/2009

Título: Vale investe US\$ 305 milhões em biodiesel

A Vale anunciou no início da noite de ontem que investirá US\$ 305 milhões em seu projeto para a produção de biodiesel a partir da palma. Desse total, segundo a companhia, US\$ 40 milhões serão desembolsados ainda em 2009. O anúncio estava programado inicialmente para hoje.

O projeto será desenvolvido com a Biopalma, empresa criada em 2007 e ligada ao Grupo MSP, que tem negócios principalmente na área de mineração. Embora tenha sido anunciado oficialmente ontem, o contrato entre a Vale e a Biopalma foi assinado no dia 30 de abril. O Consórcio Brasileiro de Produção de Óleo de Palma (CBOP), como

o projeto foi formalmente batizado, terá 59% de seu controle nas mãos da Biopalma e 41% nas da Vale.

Ainda segundo o comunicado, a produção de biodiesel a partir do óleo de palma deverá começar em 2014. A capacidade da unidade será de produção de 500 mil toneladas de óleo de palma e de 160 mil toneladas de biodiesel por ano.

A Vale pretende, com o projeto, abastecer sua frota de locomotivas da Estrada de Ferro Carajás e máquinas e equipamentos de grande porte das minas de Carajás, no Pará. A mistura a ser utilizada no maquinário será na proporção de 20% de biodiesel e 80% de diesel mineral. No parecer sobre o projeto da Secretaria de Direito Econômico (SDE), ligada ao Ministério da Justiça, Vale e Biopalma informam que a divisão da produção de óleos ou outros produtos ocorrerá na proporção que cada uma tem no projeto.

O plantio de palma pela Biopalma já ocorreu em pelo menos 5 mil hectares no município de Moju (PA), em trabalho iniciado antes da assinatura do contrato com a Vale, conforme apurou o Valor. Segundo informações fornecidas pela Biopalma ao Banco da Amazônia, o plantio de palma ocupará 40 mil hectares.

O projeto paraense marcará a estreia da Vale e da Biopalma no mercado de óleos vegetais. Em 2008, logo depois de formalizar sua criação, a Biopalma foi acusada de forçar pequenos agricultores a venderem seus lotes, inclusive os de áreas quilombolas em processo de reconhecimento, de acordo com relatório da organização não-governamental Repórter Brasil.

No estudo, de setembro, a ONG cita Antonina Borges, presidente da Associação dos Quilombolas de Nova Esperança de Concórdia (Aquinac), que relata o modus operandi das vendas de áreas para o projeto. "Começaram a aparecer intermediários comprando terras para a empresa. O preço oferecido pelos lotes girava em torno dos R\$ 30 mil, e o discurso usado era que aqueles que não tinham títulos de posse seriam despejados pela Justiça. Com medo, muitos venderam", disse ela, segundo o relatório. O Valor não conseguiu contato com o escritório da Biopalma em Belém. A Vale não respondeu os pedidos de entrevista, feitos antes da divulgação de seu comunicado.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Ramona Ordoñez

Data: 26/06/2009

Título: Vale quer produzir gás para consumo próprio e planeja investir no pré-sal

Petrobras diz, porém, que não pretende vender participação em blocos na área

A Vale, uma das maiores mineradoras do mundo, pretende avançar na exploração de petróleo e gás natural no Brasil, incluindo projetos futuros no pré-sal. O presidente da companhia, Roger Agnelli, disse ontem que explorar áreas abaixo da camada de sal é uma possibilidade que já está sendo avaliada pela Vale. O objetivo principal é produzir gás natural para consumo em suas atividades, como produção de pelotas de minério de ferro, geração de energia e até mesmo nas locomotivas.

Agnelli falou com a imprensa após participar de assinatura de memorando de entendimentos com a Petrobras, para adquirir 25% de participação em três blocos situados na área de concessão do bloco BM-ES-22, na Bacia do Espírito Santo. Os blocos estão a uma profundidade entre mil e dois mil metros de distância a partir da superfície do mar.

- O pré-sal para a Vale ainda é interesse de curioso. Vamos ver o que vem em termos de regulamentação, qual o tamanho desses blocos. Somos uma empresa pequena nesse setor - afirmou Agnelli.

O presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli, destacou a importância da união entre as duas empresas:

- É uma associação entre as duas gigantes verde-amarelas e competentes.

Atualmente, a mineradora participa da exploração de petróleo e gás em 26 blocos. A Petrobras tem participação em 22 deles. Neste ano, a Vale prevê investimentos de US\$260 milhões nessa área.

O presidente da Petrobras deixou claro, contudo, que não pretende negociar a venda de participação nos atuais blocos no pré-sal para a Vale.

- Todas as operações relativas ao pré-sal estão paralisadas, para definição do novo marco regulatório. Não temos interesse neste momento em vender qualquer participação nos contratos atuais - garantiu Gabrielli.

Vale minimiza dificuldade em negociações com China

Agnelli procurou minimizar as dificuldades que a companhia vem enfrentando para fechar contratos de longo prazo de venda de minério de ferro para clientes chineses.

Ele lembrou que, apesar de a Vale preferir vender minério com contratos de longo prazo, também vende no mercado spot (livre).

- Estamos dando tempo ao tempo. A hipótese de toda a China migrar para compras no spot acho totalmente descartada - afirmou Agnelli.

VEÍCULO: Folha de São Paulo

Seção: Economia

Autor: PEDRO SOARES DA SUCURSAL DO RIO

Data: 26/06/2009

Título: Vale se alia à Petrobras para explorar gás

Mineradora busca reduzir gastos com o combustível e diminuir utilização de diesel, enquanto estatal quer diluir riscos

Presidente da Vale afirma que objetivo não é virar "grande produtor"; bloco a ser explorado em conjunto está situado no Espírito Santo

Disposta a investir na extração de gás para assegurar no longo prazo seu consumo do combustível, a Vale fechou ontem acordo com a Petrobras para explorar em conjunto bloco na bacia do Espírito Santo.

Pelo acerto, a Petrobras cedeu 25% dos direitos exploratórios na área batizada de B 22, onde até agora não existe nenhuma descoberta. Na região, há, porém, grande potencial de reservas de gás.

O valor da transação não foi divulgado, mas o objetivo da Petrobras em se associar com a Vale é compartilhar o investimento e reduzir, com isso, os eventuais riscos de não encontrar óleo e gás na área.

"Há uma complementaridade de interesses. A parceria permite diminuir o risco do investimento, inerente à atividade petrolífera", disse o presidente da Petrobras, José Sergio Gabrielli.

Do lado da Vale, o objetivo é garantir a autossuficiência no suprimento de combustível a um custo menor. Com acesso ao gás, a mineradora quer substituir gradualmente o uso de diesel em suas locomotivas na malha ferroviária da companhia no Sul/Sudeste.

A mineradora quer utilizar o gás também nas operações de suas unidades que

adensam o minério de ferro fino em pequenas pelotas, no Espírito Santo, vendidas à indústria siderúrgica como insumo para a produção de aço.

Com a fraca demanda global, essas fábricas consomem atualmente 2 milhões de metros cúbicos/dia -pouco menos de 20% do consumo de todo o Estado do Rio de Janeiro. Mas podem utilizar, em plena capacidade, até 6 milhões de metros cúbicos/dia.

Outras parcerias

As apostas da Vale na área de gás não se restringem apenas à nova parceira com a Petrobras. A companhia arrematou blocos na última rodada da ANP (Agência Nacional do Petróleo) e investe com seus sócios na prospecção de 26 áreas -das quais 22 em parceria com a Petrobras.

Para explorar tais blocos, a Vale já gastou US\$ 60 milhões no ano passado e tem reservados outros US\$ 260 milhões para 2009.

O presidente da Vale, Roger Agnelli, disse que o orçamento para 2010 não está pronto ainda, mas deve prever um valor também próximo a US\$ 260 milhões para a área de prospecção de gás.

Pré-sal

O executivo não descartou a possibilidade de investir também nas reservas do pré-sal. Disse, porém, que seu "interesse é apenas de curioso". Ou seja, não há nada de concreto ainda. "Primeiro, vamos ver qual será a regulamentação [para o pré-sal, ainda em estudo pelo governo]", ressaltou.

Agnelli reiterou que a Vale não pretende ser uma petroleira. Investe no setor apenas para assegurar combustível com custo menor para suas atividades de mineração. "Somos uma empresa pequena [no setor de petróleo e gás]. Não temos sonhos de ser um grande produtor", completou.

Já o Gabrielli disse que não há, hoje, possibilidade de sociedade com a Vale no pré-sal. Isso porque as regras em estudo para as novas áreas da província, e mesmo o atual desenho societário das áreas já licitadas, não permitem essa participação.

Seção: Economia**Autor:** Kelly Lima e Mônica Ciarelli, RIO**Data:** 26/06/2009**Título:** Vale quer explorar o pré-sal

Gabrielli, da Petrobrás, descarta negociação até mudança na lei

Lado a lado para anunciar ontem parceria na exploração de bloco de petróleo e gás natural na Bacia do Espírito Santo - como adiantou o Estado na edição de ontem -, os presidentes das duas maiores empresas do País, José Sérgio Gabrielli, da Petrobrás, e Roger Agnelli, da Vale, mostraram discordância quando o assunto é o pré-sal.

"Nós vamos querer estar nisso também", adiantou-se Agnelli, mostrando disposição de ingressar em investimentos na área. "Se a Petrobrás for, eu quero estar de bracinho dado, de mãos dadas com a Petrobrás." Já Gabrielli preferiu frear a empolgação: "Não há essa possibilidade", resumiu.

Segundo Gabrielli, qualquer composição de parceria está sendo deixada em segundo plano por causa da indefinição do marco regulatório. Desde julho do ano passado, o governo estuda novas regras para a exploração do petróleo e do gás natural na área do pré-sal. As ofertas de novas áreas abaixo da camada de sal foram suspensas nos leilões da Agência Nacional do Petróleo (ANP) até que as normas para o setor estejam definidas.

Uma das possibilidades estudadas é a de aportar no capital da Petrobrás as reservas ainda não concedidas e contíguas às descobertas já realizadas. "Não está em discussão parceria com a Vale ou com qualquer outra empresa que já não seja sócia da Petrobrás. Isso não tem como ser discutido porque ainda não há um marco regulatório do setor. Nós só vamos pensar sobre isso depois da decisão sobre as novas regras", afirmou Gabrielli.

O executivo destacou também que nos planos de investimentos da Petrobrás até 2020 estão programados investimentos de US\$ 111 bilhões nas áreas do pré-sal para a produção de 1,8 milhão de barris.

Segundo Agnelli, apesar do interesse da Vale, há também expectativa com relação ao marco regulatório. "Estamos aguardando as novas regras", disse, completando que, por enquanto, o interesse no pré-sal "é um interesse de curioso, tudo vai depender das regras".

Recém-chegada ao setor exploratório e sem autorização da ANP para se tornar operadora de um campo, a Vale precisa de parcerias para atuar no setor. O interesse da mineradora na área é exclusivamente para suprimento próprio, como já confirmaram seus dirigentes.

Agnelli disse que a Vale é uma grande consumidora de gás para suas pelletizadoras,

além da possibilidade crescente de substituição do óleo combustível e do diesel, respectivamente em suas usinas térmicas e nas locomotivas. Segundo ele, hoje há um potencial na Vale para o uso de 6,5 milhões de metros cúbicos diários, dos quais apenas 2 milhões estão efetivamente sendo utilizados. "Mas a perspectiva é de aumentar isso em grande proporção".

ACORDO

A Petrobrás e a Vale confirmaram a parceria para exploração e posterior produção no bloco BM-ES-22, ao norte da Bacia do Espírito Santo. Adquirido pela estatal no leilão da 6ª Rodada da ANP em 2004, o bloco era operado 100% pela Petrobrás e estava sendo perfurado desde março. Na mesma região, a Vale já havia adquirido participações em dois outros blocos de exploração.

O presidente da Vale, Roger Agnelli, disse que a companhia pretende investir US\$ 260 milhões este ano em suas áreas de exploração de gás natural no País, ante US\$ 60 milhões em 2008. Dentro desse valor está incluída a aquisição da parcela de 25% da Petrobrás no Bloco BM-ES-22.

"Apesar de sermos parceiras em outros blocos, e de a Vale já ter adquirido junto a outras empresas participação em blocos em que a Petrobrás também é sócia, é a primeira vez que as duas empresas fazem uma negociação desse tipo entre elas", afirmou Agnelli.

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Cláudia Schüffner, do Rio

Data: 26/06/2009

Título: Vale amplia gastos em exploração e tem interesse no pré-sal

Ao aumentar seus investimentos na exploração de gás, com mais uma parceria com a Petrobras, a Vale quer dar continuidade à estratégia de diversificar suas fontes energéticas. Ontem, as duas empresas assinaram um memorando de entendimento pelo qual Vale assume 25% de participação em três concessões detidas pela estatal no bloco BM-ES-22, na bacia do Espírito Santo. No setor, operações desse tipo são conhecidas como "farm-in".

Se a Agência Nacional do Petróleo (ANP) aprovar a parceria no BM-ES-22, a Vale passará a ter 29 concessões exploratórias no Brasil. Dessas, 25 serão com Petrobras. A mineradora estreou no setor de óleo e gás em 2007, quando participou da 9ª Rodada de Licitações da ANP, adquirindo nove áreas. As aquisições posteriores foram feitas por meio do modelo "farm-in". A Vale tem ainda parcerias com Shell, Devon, Ecopetrol, Eni, BG, Repsol, Woodside e Maersk.

Agnelli admitiu interesse pelo pré-sal, mas observou que olha "como curioso" uma possível participação em áreas de exploração nesses campos. Ponderou que é preciso

aguardar a nova regulamentação. "Vamos ver o que vem em termos de regulamentação, o tamanho desses blocos e o potencial de investimento. Somos uma empresa pequena neste negócio e não temos nenhum sonho de ser grande produtor de gás ou de petróleo", afirmou Agnelli.

Gabrielli, que estava ao seu lado, também disse que não é possível fazer qualquer negociação comercial na área do pré-sal ponderando ainda que ela está sob avaliação do governo, que trabalha no esboço de um novo marco regulatório para a região. Para uma empresa de fora entrar em áreas do pré-sal terá que comprar participação em blocos já licitados ou se associar à nova estatal que o governo pretende criar e cuja operação ainda está sendo discutida no âmbito da comissão interministerial encarregada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva de criar um novo marco regulatório para o pré-sal. Apenas 34% da área delimitada pela Petrobras como pré-sal está sob concessão. Dessas, mais de 60% estão com a Petrobras, que tem vários sócios.

O presidente da Vale, Roger Agnelli, justificou o interesse na exploração de gás explicando que a companhia tem potencial de consumir 6 milhões de metros cúbicos do insumo por dia, equivalentes a 13,3% do atual consumo brasileiro, mas hoje esse consumo é de apenas 2 milhões ao dia. Com uma maior disponibilidade do insumo, a Vale pode ampliar o uso de gás, introduzindo na movimentação de suas locomotivas, para fazere "redução" de minério em projetos de pelletização e na geração de energia elétrica.

Segundo Agnelli, a parceria com a Petrobras "abre uma avenida enorme para a Vale explorar as possibilidades que tem o gás natural". Para o presidente da Petrobras, José Sergio Gabrielli, a vantagem de ter a Vale como sócia está em dividir o risco exploratório, que não é comum entre produtor e cliente final. "Isso aumenta a eficiência da cadeia como um todo", ressaltou Gabrielli, frisando que a parceria não detalha questões ligadas à comercialização e nem a logística de gás natural.

O investimento da Vale orçado para explorar gás foi de US\$ 60 milhões em 2008 e poderá chegar a US\$ 260 milhões neste ano, segundo Agnelli, mas ele espera redução de custos. "O que virá em seguida vai depender dos estudos e resultados", lembrou o executivo.

Pela nova Lei do Gás, a Vale poderá se enquadrar como auto-produtor se encontrar um reservatório de gás. E se consumir em suas próprias instalações, a companhia não terá de pagar pelo uso do transporte, apenas uma tarifa de operação e manutenção do gasoduto. Antes da nova lei, a movimentação do gás numa concessão era exclusividade da distribuidora estadual. A do Espírito Santo é 100% operada pela da BR Distribuidora.